

A Representação da Mulher em A Casa dos Espíritos, de Isabel Allende: escrita, memória e subversão.

The Representation of Women in The House Of The Spirits, by Isabel Allende: writing, memory and subversion.

Lucimara Monteiro da Costa Dias
Mikelle Braga Roland
Wellingson Valente dos Reis

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação da mulher na obra *A Casa dos Espíritos* (2019), de Isabel Allende, com enfoque na força e na resistência feminina. O romance apresenta três gerações de mulheres — Clara, Blanca e Alba — cujas trajetórias evidenciam o papel feminino na preservação da memória familiar, na construção da identidade e no enfrentamento das estruturas patriarcais e autoritárias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-analítico, desenvolvida por meio de análise literária, documental e bibliográfica. O estudo fundamenta-se nas reflexões sobre a condição feminina e a escrita como forma de libertação proposta por Beauvoir (1967) e Duarte (2009), nas discussões acerca da violência simbólica e a dominação das estruturas patriarcais desenvolvidas por Bourdieu (1989) e Lerner (2019), bem como nos estudos sobre memória de Halbwachs (2006). A análise demonstra que Clara, Blanca e Alba atuam como agentes de resistência diante das práticas de opressão e submissão impostas pelas relações de poder. Os resultados mostram que a escrita e a memória constituem importantes instrumentos de denúncia, preservação identitária e contestação das desigualdades de gênero. Conclui-se que a obra de Isabel Allende se configura como um espaço de resistência e reflexão crítica sobre a condição feminina, reafirmando a relevância da literatura na problematização das estruturas sociais patriarcais.

Palavras-Chave: Memória coletiva; poder simbólico; patriarcado; resistência; escrita feminina.

Abstract

This work aims to analyze the representation of women in the novel *The House of the Spirits* (2019) by Isabel Allende, focusing on female strength and resistance. The novel presents three generations of women — Clara, Blanca, and Alba — whose trajectories highlight the female role in preserving family memory, in constructing



patriarchal structures developed by Bourdieu (1989) and Lerner (2019), as well as on studies about memory by Halbwachs (2006). The analysis demonstrates that Clara, Blanca, and Alba act as agents of resistance against the practices of oppression and submission imposed by power relations. The results show that writing and memory constitute important tools for denunciation, identity preservation, and contesting gender inequalities. It is concluded that Isabel Allende's work is configured as a space of resistance and critical reflection on the female condition, reaffirming the relevance of literature in questioning patriarchal social structures.

Keywords: Collective memory; symbolic power; patriarchy; resistance; women's writing.

Introdução

Historicamente, a mulher foi, por muito tempo, socialmente colocada em posições de subordinação, com sua atuação limitada por uma estrutura patriarcal que naturaliza a opressão ao gênero feminino, contribuindo para as violências e o silenciamento de vozes femininas, bem como impedindo sua plena participação na esfera política e social. Nesse sentido, refletindo-se nas formas de produção literária e cultural, nas quais as mulheres foram majoritariamente retratadas pela perspectiva masculina: idealizadas, passivas, demonizadas e restritas a funções sociais específicas, como esposa, empregada ou cortesã. Tais representações consolidaram estereótipos que reproduzem e legitimam o lugar da mulher na construção social.

As Críticas Feministas emergem como uma ferramenta de ruptura com o cânone tradicional, que privilegiava a leitura de obras escritas exclusivamente por homens. Essas produções literárias, em sua maioria, naturalizaram a subordinação da mulher em suas narrativas ficcionais, nas quais elas raramente ocupavam a posição de sujeito do discurso, constituindo a mulher como símbolo da sensibilidade, da vulnerabilidade, da vida coletiva e da alteridade, em

contraponto ao masculino racional e insensível. É nesse sentido que as críticas feministas se voltam para a reivindicação do reconhecimento das mulheres como constituidoras do conhecimento e do discurso literário.

No contexto latino-americano, essa ruptura assume uma posição mais específica, uma vez que as vivências femininas são atravessadas por experiências históricas marcadas pelo colonialismo e pela violência política. Diante disso, neste estudo aborda-se a obra *A Casa dos Espíritos* (2019), da autora Isabel Allende, uma das vozes femininas que marcaram a literatura latino-americana no século XX.

A romancista apresenta a história da família Trueba ao longo de três gerações de mulheres, destacando temas como política, estrutura patriarcal, violências e resistência feminina em uma sociedade omissa e desigual. Clara Del Valle e Esteban Trueba são personagens primordiais para o desenrolar da trama e retratam as dinâmicas familiares e os traços culturais do Chile em uma época de conflitos políticos.

Ademais, objetiva-se investigar como Allende, por meio da representação das três gerações de mulheres da família Trueba — Clara, Blanca e Alba — constrói formas de reconfiguração simbólica e social do patriarcado em sua narrativa. Bem como atribui voz às personagens, articulando figuras únicas que possuem autonomia apesar do contexto social em que estão inseridas, a partir de uma busca pela preservação da memória por meio da escrita. Diante disso, a análise do texto literário procura observar as falas, as atitudes e as interações das personagens da família Trueba dentro da perspectiva de uma escrita feminina e feminista de Allende, a fim de evidenciar como a romancista promove uma ruptura com os estereótipos patriarcais, apresentando mulheres fortes e empoderadas em cada geração da família.

Para a composição desta análise da obra de Isabel Allende, permeada pelo maravilhoso e pelas discussões sobre amor, poder e obsessão, recorre-se ao



pensamento de autoras que refletem sobre a condição feminina e as relações de poder presentes na sociedade. Entre elas, destacam-se Simone de Beauvoir (1967), ao discutir a construção social da mulher; Joan Scott (1995), ao compreender o gênero como categoria de análise das relações de poder; Rachel Soihet (2003), ao abordar a invisibilização histórica das mulheres e a valorização de suas trajetórias; Constância Lima Duarte (2009), no que se refere à constituição da subjetividade feminina e à desconstrução do patriarcado por meio da escrita feminina; e Gerda Lerner (2019), acerca da criação dos modelos de submissão feminina pelo sistema patriarcal. Essas contribuições auxiliaram na compreensão dos estereótipos historicamente construídos acerca do papel da mulher na sociedade, das relações de gênero e das formas pelas quais tais representações influenciam a maneira como as mulheres são percebidas socialmente.

Para a realização desta pesquisa, o corpus analítico foi delimitado a partir do romance de Isabel Allende, foram selecionados trechos da narrativa que comprovaram a força das personagens Clara, Blanca e Alba ao longo de suas vidas. Os trechos selecionados apresentam momentos significativos de tensão, resistência e construção da identidade feminina dentro de uma estrutura social patriarcal. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter descritivo-analítico, baseia-se na leitura crítica do texto literário e na análise dos momentos de resistência e subversão femininas. Nesse processo analítico, também se consideram as contribuições de Pierre Bourdieu (1989), especialmente no que se refere às formas de dominação simbólica presentes nas relações de gênero, e de Maurice Halbwachs (2006), no que tange às implicações da memória coletiva, as quais auxiliam na compreensão do processo de preservação da subjetividade feminina presente na narrativa.

Inicialmente, serão discutidos os efeitos das relações de poder presentes na narrativa, ressaltando como as três gerações de mulheres da família Trueba — Clara, Blanca e Alba — desconstroem estereótipos alicerçados em uma sociedade patriarcal e autoritária, demonstrando como a obra de Allende

desenvolve trajetórias femininas marcadas pela sobrevivência, pela busca por autonomia e pela resiliência.

Embora a pesquisa contemple as três personagens, a análise dedica maior atenção à personagem Clara, por desempenhar um papel central na construção da memória familiar e na resistência às estruturas patriarcais ao longo da narrativa. Posteriormente, será explorado como a escrita feminina e a memória atravessam a narrativa, enquanto elementos simbólicos e representativos utilizados na construção da subjetividade feminina e da subversão das personagens. Considerando que, por meio dos Cadernos de anotar a vida escritos pela personagem Clara, sua neta Alba consegue preservar a memória da família Trueba, além de transmitir aos leitores a força e a identidade construídas pelas mulheres da família. Personagens que lutam contra o patriarcado, representado pelo patriarca da família, estabelecendo essa resistência por meio de estratégias de subversão simbólica.

Desenvolvimento

Entre a dominação e a resistência: o enfrentamento das mulheres às estruturas patriarcais.

O material empírico desta pesquisa, *A Casa dos Espíritos*, publicado originalmente em 1982, narra a trajetória da família Trueba ao longo de décadas de turbulência política e social no Chile. A obra trata de temas universais como amor, morte, espiritualidade e luta de classes. O gênero da obra pertence ao real maravilhoso, em que a narrativa é baseada na representação do contexto da ditadura do Chile, das histórias de vida da autora e de sua própria família.

Essa perspectiva de recuperação das experiências femininas dialoga com as discussões propostas por Rachel Soihet (2003), ao destacar que a história tradicional, centrada na ideia de um sujeito universal, contribuiu para manter as trajetórias das mulheres em espaços de invisibilidade. Segundo a autora, a



atuação das historiadoras feministas buscou revisar essa perspectiva, evidenciando as dificuldades de acesso às experiências femininas no passado, sobretudo pela reduzida presença das mulheres nos registros históricos. Além disso, Joan Scott (1995) afirma que gênero e poder se constituem mutuamente, uma vez que as relações de poder são organizadas por meio do gênero, ao mesmo tempo que o gênero é produzido por essas relações sociais. Para a autora:

Se as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente, como as coisas mudam? De um ponto de vista geral, a resposta é que a mudança pode ser iniciada em muitos lugares. As revoltas políticas de massa que lançam velhas ordens no caos e fazem surgir novas podem revisar os termos (e por isso a organização) do gênero na sua busca de novas formas de legitimação. Mas elas podem não o fazer; noções antigas de gênero têm também servido para validar novos regimes (Scott, 1995, p. 22).

Ainda que a obra literária não corresponda a uma construção documental da realidade histórica, sua narrativa possibilita refletir sobre as experiências femininas e as relações de gênero. Nesse sentido, Reis (2024, p. 8) ressalta a importância das obras produzidas por mulheres por trazerem o debate histórico sob uma perspectiva feminista, permitindo correlacionar as visões, os anseios e as perspectivas femininas às propostas do movimento feminista. Dessa forma, Isabel Allende constrói uma narrativa que valoriza o protagonismo feminino e problematiza as estruturas patriarcais, atribuindo centralidade às experiências de suas personagens ao longo da obra.

Sob essa ótica, os elementos maravilhosos manifestam-se por meio da personagem Clara Del Valle, a matriarca da família que possui o dom da clarividência. Essas habilidades a conectam ao mundo espiritual, e suas premonições e comunicações com os espíritos integram o cotidiano da narrativa. Ao longo da trama, ela se casa com Esteban Trueba, ex-noivo de sua irmã falecida, apresentado pela romancista como um homem conturbado, egoísta e de difícil temperamento. Assim, constata-se que Clara se casa com Esteban já imersa em uma sensibilidade que lhe permite pressentir acontecimentos futuros,

o que reforça sua ligação com o mundo espiritual e sua percepção antecipada da realidade.

No decorrer da história, o casal constitui uma família e tem sua filha, Blanca, que posteriormente dará à luz a Alba. A narrativa apresenta, então, uma linhagem de mulheres com características singulares, que contribuem para a ruptura do cânone patriarcal. Ao criar essas protagonistas e dar voz a elas, percebe-se que Allende confere às personagens uma atuação ativa, o que demonstra uma tentativa de enfrentamento da violência e do patriarcalismo presentes tanto no universo ficcional quanto na sociedade.

As mulheres de *A Casa dos Espíritos* promovem mudanças duradouras e profundas ao romperem com papéis femininos tradicionalmente estabelecidos: Clara resiste por meio da preservação da memória e da autonomia sobre sua própria existência; Blanca enfrenta as imposições familiares e sociais ao construir suas próprias escolhas; e Alba ressignifica as experiências de violência vividas por sua família ao transformar a memória em instrumento de resistência e reconstrução da identidade feminina. Dessa forma, elas ocupam o foco central da trama e orientam acontecimentos fundamentais da narrativa, como as representações das experiências de maternidade, das perdas e das violências sofridas ao longo de suas trajetórias.

No romance em estudo, pode-se observar que a personagem feminina Clara, por meio de suas características e atitudes, rompe com representações tradicionais que associam a mulher à passividade e à ausência de voz. Desde a infância, a matriarca é apresentada como uma figura singular, marcada pela imaginação e pela herança feminina transmitida entre as gerações: “Clara era muito precoce e tinha a transbordante imaginação herdada, via materna, por todas as mulheres da família” (Allende, 2019, p. 6). Nesse sentido, a personagem assume um papel fundamental na preservação da memória familiar, pois é por meio de seus registros e experiências que a história das mulheres da família Trueba permanece viva ao longo das gerações. Além disso, sua postura questionadora diante dos discursos estabelecidos pode ser percebida no diálogo



com o Padre Restrepo: “— Pst! Padre Restrepo! Se o conto do inferno for pura mentira, chateamo-nos.” (Allende, 2019, p. 8), evidenciando uma personagem que apresenta uma visão própria da realidade e não se limita a aceitar passivamente as imposições sociais e religiosas de seu contexto.

Com essa atitude, a personagem Clara demonstra não só autonomia de pensamento, mas também sua insubordinação e força frente à estrutura patriarcal. Mesmo sendo filha de Severo, um homem rígido e imponente, Clara não se intimida diante de figuras masculinas de autoridade, como o padre. A postura da personagem reafirma sua autoridade e firmeza diante das normas sociais que buscam silenciá-la. Ademais, entende-se que, ao promover esse embate, mesmo que de forma breve, a autora da obra nos dá um vislumbre da personalidade virulenta do padre, pois, ele se mostra extremamente violento em suas palavras, como confirma a seguinte fala.

O sacerdote estava munido de um grande dedo incriminador para apontar os pecadores em público e uma língua treinada para agitar os sentimentos. — Tu, ladrão, que roubaste o dinheiro do culto! — gritava do púlpito apontando um cavalheiro que fingia preocupar-se com qualquer sujidade na lapela do casaco para esconder a cara. — Tu, desavergonhada, que te prostituís nos molhes! - e acusava Dona Ester Trueba, inválida pela artrite e beata da Senhora do Carmo, e que abria os olhos surpreendida, sem saber o significado daquela palavra nem onde ficavam os molhes. — Arrependei-vos, pecadores, carcaças imundas, indignos do sacrifício de Nosso Senhor! Jejuai! Fazei penitência! (Allende, 2019, p. 5).

Essa fala do sacerdote indica a sua falta de cuidado na forma de conduzir sua fala sobre a mulher que além de não dispor da força para se defender é envergonhada publicamente diante dos membros da igreja, essa ação revela umas das formas de violência que a mulher sofre na sociedade. Conforme conceituado por Bourdieu (1989):

A violência simbólica é uma violência suave, insensível, invisível para suas próprias vítimas, exercida essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última análise, do sentimento (Bourdieu, 1989, p. 8).

Dentro da narrativa de Isabel Allende, é possível observar que a violência simbólica, conforme conceituada por Pierre Bourdieu (1989), materializa-se quando os homens exercem uma autoridade social incontestável, como ocorre no caso do padre e de outros personagens masculinos. Nessa perspectiva, as mulheres não são apenas silenciadas ou desvalorizadas, mas também submetidas a valores, normas, discursos e práticas sociais que fazem parecer natural a desigualdade entre grupos.

Nesse contexto em específico, percebe-se que, ao apresentar o embate entre Clara e o sacerdote, mesmo que não tenha sido com o intuito direto de proteger a personagem feminina em questão, Allende proporciona ao leitor a esperança de contestação feminina. A autora sugere, assim, a possibilidade de que as mulheres possam reivindicar sua voz mesmo em ambientes nos quais a autoridade masculina frequentemente ultrapassa limites. Por essa razão, a representação desse conflito, bem como as contribuições de Bourdieu (1989) sobre a violência simbólica ressaltam como as hierarquias sociais são constituídas dentro da sociedade e revelam brechas para contestação e enfrentamento feminino dentro da estrutura patriarcal que tenta silenciar essas vozes.

Somado a isso, a narrativa alinha-se com as ideias difundidas por Gerda Lerner (2019) ao problematizar a maneira como historicamente, as mulheres foram frequentemente representadas como vítimas, e não como propiciadoras de mudanças sociais. Tal perspectiva, conforme aponta a autora, não decorre de uma condição inerente ao feminino, mas de um lugar social imposto por estruturas históricas que limitam sua autonomia e restringem o exercício de autoridade sobre a própria existência. Dessa maneira, ao mostrar tais dinâmicas, o romance contribui para desnaturalizar esse pensamento misógino, reconhecendo as mulheres como sujeitos históricos ativos e participantes fundamentais na construção da sociedade.

Embora as mulheres venham sendo vitimadas por isso, e também por muitos outros aspectos de sua longa subordinação aos homens, é um erro básico tentar conceituar as mulheres essencialmente como vítimas. Fazê-lo de maneira instantânea esconde o que deve ser admitido como



fato da situação histórica feminina: as mulheres são essenciais e peças centrais para criar a sociedade. São e sempre foram sujeitos e agentes da história. As mulheres “fizeram história”, mesmo sendo impedidas de conhecer a própria História e de interpretar a história, seja a delas mesmas ou a dos homens (Lerner, 2019, p. 25, grifo do autor).

Esse modo de construir as personagens também dialoga com Simone Beauvoir (1967):

Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. “Os homens fazem os deuses; as mulheres adoram-nos”, diz Frazer. São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas. O lugar da mulher na sociedade sempre é estabelecido por eles. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei (Beauvoir, 1967, p. 117).

Em consonância com essa discussão, Beauvoir (1967) critica a forma como o homem subjuga e infantiliza a mulher e a reduz aquilo que ele gostaria que ela representasse, uma identidade à docilidade e submissão. Assim, percebe-se na obra um movimento de desconstrução da figura da “mulher boazinha”, submissa às expectativas masculinas. As personagens assumem a liderança sobre seus próprios desejos, demonstrando independência e capacidade, dando a elas espaço para se expressar. Como argumenta a escritora Clarissa Pinkola:

Todas nós temos anseio pelo que é selvagem. Existem poucos antídotos aceitos por nossa cultura para esse desejo ardente. Ensinaram-nos a ter vergonha desse tipo de aspiração. Deixamos crescer o cabelo e o usamos para esconder nossos sentimentos. No entanto, o espectro da Mulher Selvagem ainda nos espreita de dia e de noite. Não importa onde estejamos, a sombra que corre atrás de nós tem decididamente quatro patas (Estés, 1994, p. 6).

A noção de “mulher selvagem” proposta por Clarissa Pinkola Estés (1994) contribui para compreender a construção das personagens femininas dentro da narrativa de Allende. Para Estés (1994) a mulher selvagem simboliza a essência instintiva e criativa da mulher, frequentemente reprimida por estruturas sociais que buscam moldá-la a padrões de docilidade e submissão. A psicóloga enfatiza o impulso interno que as mulheres sentem para romper com as

performances e os padrões exigidos para serem reconhecidas socialmente como mulheres, ainda que biologicamente o sejam. Esse movimento representa uma tentativa de resgatar sua essência livre, intuitiva e criativa, como ocorre com as personagens de Allende neste romance, especialmente por meio da escrita.

Em *A Casa dos Espíritos*, Clara, manifesta uma espiritualidade, intuição e independência de pensamento que revelam uma figura feminina que não se submete completamente às normas patriarcais. A personagem age guiada por sua própria percepção de mundo, demonstrando uma autonomia que procura romper com a imagem tradicional da mulher passiva que vive em função do outro. Clara, representa a recuperação de um modo feminino, transmitido por meio de suas ações, escrita, memória familiar e força simbólica. Assim, a figura de “mulher selvagem” fortalece a discussão sobre o enfrentamento das mulheres observadas no decorrer da obra de Allende; Clara, Blanca e Alba mesmo inseridas em contextos de repressão e violência conseguem reinventar-se e demonstrar autonomia e firmeza na luta pelos seus ideais.

Diante disso, ao analisar a primeira parte da obra, compreende-se que a construção das ações e das falas da personagem Clara contribui para a representação de mulheres que ultrapassam os padrões sociais tradicionalmente impostos ao gênero feminino. A narrativa apresenta sujeitos femininos que, ao longo da trama, constroem suas próprias experiências, preservam suas memórias e ocupam espaços de protagonismo em uma sociedade marcada por estruturas patriarcais. Nesse sentido, as personagens Clara, Blanca e Alba, ao enfrentarem diferentes formas de violência simbólica exercidas pelas estruturas de poder, transformam o ambiente narrativo em um espaço de reflexão sobre os papéis sociais atribuídos às mulheres e sobre as possibilidades de resistência e ressignificação dessas identidades.

Um dos episódios de maior relevância ocorre quando Rosa, irmã de Clara acaba falecendo e ela presencia o corpo da irmã sendo abusado pelo assistente do médico Cuevas. Ao observar toda a cena, a menina mergulha em um silêncio profundo, permanecendo muda por 9 anos. A violência, é um dos temas mais



recorrentes dentro da narrativa; a autora, com notável precisão narrativa ao mesmo tempo em que conduz a firmeza feminina, elucida também a importância de discutir as diversas formas de abusos que atravessam a experiência das mulheres.

Ficou até que o jovem desconhecido beijou Rosa nos lábios, no pescoço, nos seios, entre as pernas, a lavou com uma esponja, lhe vestiu a camisa bordada e lhe ajeitou o cabelo, arquejando de cansaço. Ficou até que o ajudante a carregou nos braços com a mesma ternura comovente que teria tido ao pegar-lhe ao colo para passar pela primeira vez a porta de uma casa, se tivesse sido sua noiva. E não conseguiu mover-se até aparecerem as primeiras luzes. Então deslizou até à cama, sentindo por dentro todo o silêncio do mundo. O silêncio encheu-a por inteiro e não tornou a falar durante nove anos, até puxar da voz para anunciar que se ia casar (Allende, 2019, p.15).

A cena não revela apenas a brutalidade de um homem isolado, mas denuncia uma mentalidade enraizada. O trauma de Clara é consequência de um sistema maior, no qual o homem ocupa o lugar de poder e a mulher, o de submissão. Como afirma Bourdieu (1989):

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica), dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados (Bourdieu, 1989, p. 4, grifo do autor).

Nessa direção, as violências apresentadas na cena ultrapassam o campo físico e se insere na violência simbólica, legitimada por estruturas sociais que naturalizam a dominação masculina. Assim, para compreender plenamente a dimensão da violência na obra, torna-se necessário analisar Esteban Trueba, personagem que representa a figura patriarcal no âmbito da família e marido de Clara Del Valle. Ao longo da narrativa, Esteban estabelece uma relação marcada pelo autoritarismo e pelo controle sobre as mulheres de sua família, especialmente Clara, sua esposa, e, posteriormente, Blanca e Alba, sua filha e neta. Sua postura autoritária e machista reforça a lógica patriarcal que atravessa a sociedade retratada.

Esteban desapertou o largo cinturão de couro e ela recuou, mas apanhou-a de um sacão. Caíram abraçados entre as folhas dos eucaliptos. Esteban não tirou a roupa. Atacou-a com ferocidade, cravando-se nela sem preâmbulos, com uma brutalidade inútil. Deu-se conta demasiado tarde, pelas salpicadelas de sangue no vestido, que a jovem era virgem, mas nem a humilde condição de Pancha, nem as oprimidas exigências do seu apetite lhe permitiram ter contemplações (Allende, 2019, p. 57).

Esse fragmento da obra revela a violência física e simbólica exercida por Esteban Trueba, que representa a figura do patriarca autoritário e opressor. Esteban utilizava seu poder e a impunidade conferida por sua posição social para cometer atos brutais contra mulheres e trabalhadores vulneráveis, mostrando como a dominação masculina é reforçada por estruturas sociais que marginalizam e objetificam esses grupos. Assim, Allende argumenta que o autoritarismo não é um ato isolado, mas parte de uma engrenagem social que legitima a violência e a desigualdade de gênero.

Não passava nenhuma rapariga da puberdade à idade adulta sem que ele a fizesse provar o bosque, a orla do rio ou a cama de ferro forjado. Quando não ficaram mulheres disponíveis em Las Três Marias, dedicou-se a perseguir as de outras fazendas, violando-as num abrir e fechar de olhos, em qualquer lugar do campo, geralmente ao entardecer. Não se preocupava em fazê-lo às escondidas porque não tinha medo de ninguém (Allende, 2019, p.62).

A passagem revela, na própria estrutura narrativa, o mecanismo discursivo que Fairclough (2001) denomina naturalização: o processo pelo qual práticas sociais violentas e relações de poder assimétricas são inscritas na linguagem de modo a parecerem parte da ordem natural das coisas. No plano textual, isso se manifesta com precisão: Esteban Trueba ocupa sistematicamente a posição de agente ativo, enquanto as mulheres são reduzidas a objetos sintáticos sem voz, sem nome e sem reação registrada. O tom descritivo e destituído de julgamento moral com que o narrador relata os estupros em série, “num abrir e fechar de olhos”, “geralmente ao entardecer”, opera como uma prática discursiva que integra a violência à rotina da fazenda, esvaziando-a de qualquer caráter de excepcionalidade ou crime.



É essa construção discursiva, e não apenas a ausência de punição jurídica, que produz a impunidade de Esteban: ao ser interpelado sobre os abusos, seu discurso recorre a estratégias de legitimação que reposicionam a violência como prerrogativa natural do proprietário rural. Allende, ao reproduzir esse discurso sem neutralizá-lo explicitamente, convoca o leitor a identificar e recusar a naturalização — tornando a própria forma narrativa um instrumento de denúncia crítica.

Nesse sentido, Allende denuncia diferentes formas de violências: simbólica, psicológica e física, que atuam para suprimir a autonomia feminina. Ao mesmo tempo, as personagens femininas se apresentam como símbolos de perseverança, protagonizando uma luta por liberdade e subjetividade apesar das múltiplas opressões enfrentadas. Essa oposição entre liberdade feminina e opressão masculina é um elemento central para a crítica social da obra, revelando tanto a dureza do sistema patriarcal quanto às estratégias de confronto das mulheres.

Diante destes atos dos personagens masculinos, manifestados por meio de ordens/ disfarçadas, ironias e chantagens emocionais — revelam uma intencionalidade discursiva orientada pelo desejo de controle e dominação. Em contrapartida, as personagens femininas constroem um diálogo marcado por força e vitalidade, cujas falas expressam autonomia e subjetividade. “Esteban jurou a si próprio que mais cedo ou mais tarde ela acabaria por amá-lo tal como ele necessitava de ser amado, ainda que para conseguir isso tivesse de empregar os recursos mais extremos” (Allende, 2019, p. 89).

A caracterização da personalidade de Clara revela no texto, uma resiliência feminina capaz de desconstruir os estereótipos da mulher “dócil, submissa e frágil” impostos pelas relações de poder patriarcal. Isso fica evidente em seu confronto com Esteban, quando apesar da fúria dele, ela mantém sua decisão.

Fiquei furioso, disse que eram nomes de comerciantes estrangeiros, que ninguém se chamava assim na minha família, nem na sua, que pelo menos um devia chamar-se Esteban, como eu e como meu pai, mas Clara explicou que os nomes repetidos criavam confusão nos cadernos da vida

e manteve-se inflexível na sua decisão. Para a assustar, parti com um murro um jarão de porcelana que, julgo eu, era o último vestígio dos tempos faustos do meu bisavô, mas ela não se comoveu (Allende, 2019, p. 115).

A cena condensa, em miniatura, a estrutura da dominação masculina tal como descrita por Bourdieu (1989): diante de uma decisão que escapa ao seu controle, Esteban recorre sucessivamente à autoridade discursiva, invocar a linhagem familiar, o nome do pai, à intimidação e, por fim, à violência contra os objetos, que em outro momento da narrativa chegou a se tornar violência física. Cada etapa representa uma escalada do poder simbólico que falha em produzir o efeito esperado: a submissão de Clara. O que desestabiliza Esteban não é a desobediência em si, mas a indiferença de sua esposa que não argumenta, não recua e não se comove. Essa impassibilidade não é passividade; é, na leitura de Beauvoir (1967), a recusa de reconhecer no outro a autoridade que ele reivindica para si. Clara simplesmente não concede ao personagem masculino o poder de perturbá-la.

Essa mesma estrutura se repete, de forma ainda mais reveladora, na cena seguinte: “Por vezes perdia a paciência e sacudia Clara furioso, gritando-lhe os piores insultos e terminava chorando no seu regaço e pedindo depois perdão pela sua brutalidade. Clara compreendia, mas não podia remediá-lo” (Allende, 2019, p. 127).

O ciclo que Allende descreve, agressão, colapso emocional, demanda de consolo, não representa uma contradição na personalidade de Esteban, mas a expressão mais acabada da dominação simbólica bourdieusiana (1989): o dominador que chora no colo da dominada não suspende a assimetria de poder, ele a aprofunda, ao converter a mulher em repositório emocional de sua própria violência. Clara, contudo, recusa esse papel de forma silenciosa e definitiva. Sua resposta, “compreendia, mas não podia remediá-lo”, não é resignação: é a declaração de um limite subjetivo que Esteban, com toda a sua autoridade patriarcal, não consegue atravessar. O que ele interpreta como falha de amor é,



na verdade, a preservação intacta de uma subjetividade que se recusa, a cada cena, a ser possuída.

Observa-se que, dentro da narrativa que não era só Clara que tinha coragem de enfrentar o sistema opressor, mas posteriormente sua filha Blanca que durante o período de crise e perseguição política — período da ditadura Militar que se iniciou em 1973 — conseguiu usar sua astúcia para ajudar as mulheres que passavam necessidade nesse cenário de opressão e censura. Isso confere a Blanca autenticidade e determinação que mais tarde Alba sua filha também demonstra, como observa-se na seguinte fala:

Entretanto, Blanca tinha organizado uma cadeia de abastecimento através do mercado negro e das suas ligações nas povoações operária, onde ia ensinar cerâmica às mulheres. Passava muitas angústias e trabalhos para dissimular um pacote de açúcar ou uma caixa de sabão. Chegou a desenvolver uma astúcia de que não se sabia capaz, para armazenar num dos quartos vazios da casa toda a espécie de coisas, algumas francamente inúteis, como dois barris de molho de soja que comprou a uns chineses (Allende, 2019, p. 358).

Nesse contexto, percebe-se que Alba herdou de sua mãe e sua avó a capacidade de manter-se firme mesmo em situações desafiadoras, ela foi sequestrada e levada presa por Esteban Garcia por apoiar Miguel — um jovem revolucionário que lutava contra o regime autoritário — isso prova que as mulheres na obra são sinônimo de resistência mesmo diante da opressão, haja vista que elas permaneceram em uma luta contínua por seus direitos e preservação da sororidade feminina¹. Esse momento marca a transformação da dor em resiliência o que se pode verificar também nesse outro trecho: “[...]ajudaram-me quando as más recordações começavam a atormentar-me ou me aparecia pela frente o coronel Garcia mergulhando-me no terror, ou quando Miguel me ficava preso num soluço[...]” (Allende, 2019, p. 434).

Alba renasce por meio da solidariedade feminina, encontrando, mesmo em campo de concentração, o acolhimento das personagens que são marcadas

¹ Sororidade é um conceito oriundo dos estudos feministas que se refere à solidariedade, ao apoio mútuo e à aliança entre mulheres diante das desigualdades de gênero e das estruturas patriarcais, visando ao fortalecimento coletivo e ao enfrentamento das diversas formas de opressão.

pela violência da ditadura. Juntas, elas conquistam sua reconstrução emocional; física; através da escrita e do canto que se tornam ferramentas de cura e resistência: “— É para escreveres, para veres se tiras de dentro de ti o que está podre, se melhoras de uma vez e cantas conosco e nos ajudas a coser - disse-me” (Allende, 2019, p. 434). Pode-se afirmar que este fragmento, reflete a mensagem que a escritora Isabel Allende explora ao longo do enredo, em que enfatiza que o período da ditadura militar no Chile trouxe consequências devastadoras, especialmente para as mulheres da época.

A minha avó escreveu durante cinquenta anos nos seus cadernos de anotar a vida. Guardados por alguns espíritos cúmplices, salvaram-se por milagre da pira infame onde morreram tantos outros papéis da família. Tenho-os aqui, a meus pés, atados com fitas decore, separados por acontecimentos e não por ordem cronológica, tal como ela os deixou antes de se ir embora. Clara escreveu-os para que me servissem agora para resgatar as coisas do passado e sobreviver ao meu próprio espanto (Allende, 2019, p. 440).

Essas imagens de terror e violência extremas intermediadas por homens expressam a opressão da ditadura em uma sociedade predominantemente patriarcal e machista. Dessa forma, compreende-se que a escritora não escolheu cenas aleatórias, na realidade, ela criou personagens complexas com momentos extremamente relevantes em que ela pôde discutir temas universais e que também fizeram parte do seu contexto social.

Paralelamente, o enfrentamento das mulheres às estruturas patriarcais constitui um eixo fundamental para a luta feminina, estabelecendo-se não apenas como recurso estético presente na obra, mas como instrumento de contestação, de reconstrução coletiva e de superação. Em *A Casa dos Espíritos*, as ações das personagens femininas funcionam como um dos principais meios pelos quais Allende revela sua intencionalidade crítica, denunciando as violências impostas pelas estruturas patriarcais e reafirmando a autonomia, a liberdade e a força das mulheres. Destarte, é possível afirmar que Clara, Blanca e Alba elucidam uma transformação social por meio da insubordinação ao



domínio masculino conferindo-as subjetividade e liberdade, mesmo em ambientes marcados pela opressão masculina. Por meio das suas palavras e ações de enfrentamento, Clara, Blanca e Alba renascem diante das experiências de opressão, recuperam suas vozes e reconstroem suas identidades.

Escrita, memória e construção da subjetividade feminina

A fim de compreender de que modo Allende constrói formas de resistência simbólica ao patriarcado em *A Casa dos Espíritos*, esta seção examina a escrita e a memória como práticas estruturantes da subjetividade feminina, com ênfase na trajetória da personagem Clara, cuja atuação desempenha papel central na preservação da memória familiar e na construção das formas de resistência presentes na narrativa. No entanto, embora também sejam consideradas as experiências de Blanca e Alba, a análise concentra-se em Clara, por sua relevância na transmissão da memória e na articulação das vozes femininas ao longo das gerações. Para tanto, recorre-se à análise de passagens da obra, relacionando-as com as ações das personagens e com o referencial teórico-crítico adotado, o qual fundamenta a subjetividade como um processo complexo de constituição do sujeito feminino por meio da linguagem.

No romance de Allende, a escrita ultrapassa sua função estética e assume um papel estruturante na construção das subjetividades femininas. A autora apresenta três gerações de mulheres da complexa família Trueba, que mantêm uma relação íntima com o registro da memória. Clara Del Valle, ainda jovem e antes do casamento com Esteban Trueba, inicia essa tradição ao registrar suas vivências e as trivialidades de seu cotidiano, estabelecendo uma prática de preservação da memória que atravessa as gerações seguintes da família.

Em um contexto social que limitava o acesso das mulheres à educação e desestimulava qualquer forma de expressão intelectual, o ato de escrever constituía uma prática de subversão simbólica das normas patriarcais que restringiam o acesso feminino à esfera letrada. É nesse sentido que, para Duarte (2009, p.153) foram poucas as “mulheres que tiveram uma educação

diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever”. Observa-se dessa forma como Clara é uma desbravadora, pois ao atribuir a habilidade de escrever a ela, a autora causa uma ruptura no silenciamento imposto às mulheres socialmente, além de colocá-la em posição iniciadora das lutas femininas da família.

É por meio dos cadernos de Clara e da retomada desses registros por Alba, sua neta, que a narrativa evidencia a memória como um processo coletivo de preservação das experiências femininas. Os escritos produzidos por Clara ao longo da vida atravessam gerações e são posteriormente recuperados por sua neta, que os articula às cartas de Blanca e às próprias recordações para reconstruir a história familiar. Nesse sentido, a memória deixa de ser uma experiência exclusivamente individual e passa a constituir um patrimônio compartilhado entre as mulheres da família.

Já nessa altura tinha o hábito de escrever as coisas importantes e, mais tarde, quando ficou muda, escrevia também as trivialidades, sem suspeitar que cinquenta anos depois os seus cadernos me iriam servir para resgatar a memória do passado e sobreviver ao meu próprio espanto (Allende, 2019, p. 4).

Dessa maneira, os registros, antes, íntimos dela passam a ser uma construção coletiva que atravessam as gerações posteriores, e permitem que sua neta Alba Trueba consiga reconstruir o passado para afirmar a força e identidade das mulheres da família mediante os contextos históricos. Segundo Alós e Oliveira (2021, p. 16) “a mulher vê na escrita uma forma de reivindicação de seu lugar e de autoafirmação como sujeito da própria liberdade”. Essa percepção teórica manifesta-se na personagem Clara ao preservar a escrita como uma forma de expressão, mesmo depois de perder a fala devido ao trauma que passa na infância, é deslocado para o registro escrito. Diante do medo provocado pela violência contra sua irmã, Clara expressa-se pela escrita como alternativa ao silêncio imposto pelo trauma da infância. Assim a



personagem consegue exprimir em seus textos a sua “[...]transbordante imaginação herdada, via materna, por todas as mulheres da família ” (Allende, 2019, p. 6).

Com isso, a autora afasta a escrita feminina do “mito do eterno feminino”, formulado por Beauvoir (1967) que define a mulher a partir de uma condição de subordinação e falta de autonomia. O afastamento ocorre porque Allende subverte essa clássica estrutura em que “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (Beauvoir, 1967, p. 16). Assim, ao assumir o controle da própria história por meio da escrita, a personagem deixa de ser “O outro” e passa a ser o sujeito de sua própria existência.

Por isso que a sociedade patriarcal atribui múltiplas imagens à mulher — escrava, musa, mãe, cortesã, papéis distintos que conservam o mesmo núcleo de submissão feminina. Em contraste, a romancista salvaguarda a criatividade, dons e visões de Clara, articulando a gênese de sua identidade a partir do âmbito familiar. A ausência de sanções patriarcais por parte de sua mãe, Livia, possibilita o desenvolvimento de uma individualidade autônoma na infância, essa dinâmica familiar atua como elemento propulsor para a subversão e o consequente rompimento dos modelos simbólicos criados pela cultura masculina.

A pequena Clara lia muito. O seu interesse pela leitura era indiscriminado, e tanto lhe serviam os livros mágicos dos baús encantados de tio Marcos como os documentos do Partido Liberal que o pai guardava no escritório. Enchia incontáveis cadernos com anotações privadas, onde foram ficando registados os acontecimentos desse tempo, que graças a isso não se perderam apagados pela neblina do esquecimento, e que posso usar agora para recuperar a sua memória (Allende, 2019, p. 71).

Percebe-se no trecho da obra que a formação da personagem como leitora é uma formação ampla e irrestrita. Ela possui acesso não somente a obras “mágicas” como também a textos de caráter político. Isso torna seu conhecimento intelectual complexo e dinâmico. Em um contexto em que o

machismo se torna um obstáculo para o protagonismo feminino, Clara apropria-se de vários pensamentos críticos. Essa postura a transforma de sábia na família, não apenas por seus dons mágicos, mas principalmente por sua atuação como agente responsável por conservar a memória. Assim, ela impede que a história acabe apagada pelo tempo. Essa perspectiva contrapõe à tradição historiográfica ocidental, que historicamente atribui a centralidade à voz masculina, conferindo aos homens o domínio sobre a escrita, a leitura e a legitimação da memória histórica (Alós; Oliveira, 2021).

A narrativa, por meio de Clara, promove uma ressignificação do lugar da mulher na construção da memória, concedendo às personagens femininas a função de narrar, registrar e preservar o passado, assim como postula Lerner (2019, p. 34) as mulheres “[...] dividiram com os homens a preservação da memória coletiva, que dá forma ao passado, tornando-o tradição cultural, fornece o elo entre gerações e conecta passado e futuro”. Desta forma, não cabe somente aos homens a função de preservação memorialística, uma vez que as mulheres também tiveram um papel fundamental nesse processo, embora não tivessem sido reconhecidas no passado.

Assim, Allende move o foco da memória histórica do espaço público para espaço íntimo, no qual os acontecimentos grandiosos da história política do Chile são ilustrados a partir do espaço doméstico. Esse movimento pode ser compreendido a partir da concepção de Halbwachs (2006, p. 30) para quem “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos [...]”. No caso das mulheres, essa ancoragem coletiva ganha os contornos específicos apontados por Branco (1991) segundo o qual diz que a mulher prefere:

Escrever memórias não tanto porque as memórias lhe convenham pelo que elas têm a dizer, mas sobretudo pelo modo como elas dizem o que têm a dizer. Talvez essa escolha se deva, portanto, a uma preferência por formas discursivas que se aproximam, que se assemelham (Branco, 1991, p. 30).



Esta preferência pelas formas discursivas da memória, central na trajetória de Clara, conforme defende Branco (1991), estabelece as bases afetivas que moldarão a próxima geração da família Trueba. É por meio desse ambiente doméstico permeado pelas lembranças que a identidade de sua filha começa a ser construída. Assim, a passagem da escrita de Clara para a experiência vivida por Blanca evidencia como os vínculos afetivos e familiares participam da constituição de sua personalidade desde a infância, conforme se observa no trecho a seguir:

Era uma criança romântica e sentimental, com tendência para a solidão, de poucas amigas, capaz de emocionar-se até às lágrimas quando floresciam as rosas no jardim, quando aspirava o ténue odor a pano e sabão das freiras que se inclinavam sobre as tarefas, quando se deixava ficar para trás para sentir o silêncio triste das aulas vazias. Passava por tímida e melancólica. Só no campo, com a pele dourada pelo sol e a barriga cheia de fruta morna, correndo com Pedro Tercero pelos prados, era risonha e alegre. A mãe dizia que essa era a verdadeira Blanca e que a outra, a da cidade, era uma Blanca em hibernação (Allende, 2019, p. 32).

A inserção da personagem Blanca, filha de Clara, logo na infância permite identificar uma construção da identidade feminina marcada pela tensão estrutural entre a repressão social e a liberdade individual. A dualidade constitutiva de Blanca, tímida no espaço urbano e espontânea no campo, pode ser interpretada à luz do *habitus* bourdieusiano. De acordo com o sociólogo, o conceito se define como um:

[...]sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas (Bourdieu, 1983, p. 65).

Na prática da narrativa, essa “matriz” funciona como um conjunto de disposições socialmente construídas e interiorizadas pela personagem. No espaço urbano, as normas patriarcais manifestam-se de forma mais evidente, condicionando seu comportamento público à timidez e ao decoro. Em contraposição, o ambiente campestre atenua essas pressões externas, permitindo que esse mesmo conjunto de disposições produza uma resposta

marcada pela espontaneidade no espaço privado, em razão da maior liberdade individual de Blanca.

A naturalização dessa divisão é reforçada pela própria percepção materna, que não julga, apenas observa que a “verdadeira Blanca” só emerge quando afastada das convenções sociais da capital, o que revela a força coercitiva do campo social sobre o corpo feminino. Na propriedade de rural de Las Três Marias, herdada e administrada por Esteban, a “verdadeira Blanca” aparece, essa perspectiva traçada por sua mãe, não vem do desejo de que ela seja uma moça comportada e moldada por padrões sociais tradicionais, pois a relação de ambas “[...] estava baseada nos sólidos princípios da total aceitação mútua e na capacidade para gozarem juntas quase todas as coisas da vida” (Allende, 2019, p. 138-139).

Ao contrário de Clara, cuja subjetividade se articula por meio da espiritualidade, bem como por meio da escrita, Blanca projeta sua agência feminina na dimensão do desejo e dos laços afetivos, materializados na relação transgressora com Pedro Terceiro García. Esse vínculo, iniciado na infância é consolidado ao longo dos anos, constitui não apenas um afeto romântico, mas também um gesto de transgressão social, uma vez que desafia as hierarquias de classe defendidas por seu pai Esteban. O amor de Blanca, portanto, adquire uma dimensão política ao insistir na relação com um homem de origem social inferior, ela confronta a autoridade patriarcal do pai e a lógica oligárquica que estrutura a família tradicional.

Ainda que Esteban recorra sistematicamente à autoridade e à violência como mecanismos de controle e tente impor à filha um casamento com o conde Jean de Satigny, a permanência do vínculo afetivo de Blanca com Pedro Tercero evidencia uma forma de resistência às imposições patriarcais presentes na narrativa. Essa resistência não ocorre por meio do enfrentamento direto ao poder exercido por Esteban, mas pela manutenção de suas próprias escolhas e pela recusa em abandonar seus sentimentos e desejos em favor das expectativas sociais e familiares que lhe são impostas.



Mesmo forçada a um matrimônio socialmente conveniente, a personagem preserva, no âmbito íntimo, a continuidade de sua escolha afetiva. Beauvoir (1967) distingue entre a mulher reduzida à imanência (vida doméstica, casamento conveniente, função reprodutiva) e a mulher que reivindica a transcendência. O casamento forçado com Jean é a materialização da imanência imposta, Blanca é tratada como objeto de arranjo social, porém, ao manter o vínculo com Pedro Terceiro mesmo dentro do casamento, ela recusa essa redução. Considerando também que ela já carrega no seu ventre uma criança — Alba — que é fruto dessa relação considerada degradante pela sociedade, ela rompe parcialmente com o padrão esperado de uma jovem da classe burguesa.

Nesse contexto, as cartas trocadas entre Blanca e Clara adquirem relevância estrutural. Ao mudar-se com o marido, a correspondência entre mãe e filha passa a desempenhar função análoga aos cadernos de Clara: registrar, organizar e preservar a memória familiar. Como aparece na narrativa, esse período teria se perdido “[...] na confusão das recordações antigas e apagadas pelo tempo se não fossem as cartas que Clara e Blanca trocaram. Essa vasta correspondência preservou os acontecimentos, salvando-os da nebulosa dos factos improváveis” (Allende, 2019, p.262).

Segundo Perrot (2019), a produção escrita por mulheres é destruída, seja por negligência, seja pela própria autora, já que, “convencidas de sua insignificância, estendendo à sua vida passada o sentimento de pudor que lhes havia sido inculcado, muitas mulheres, no ocaso de sua existência, destruíam – ou destroem – seus papéis pessoais” (Perrot, 2019, p. 22), porém, diferente do que acontece na vida, em Allende (2019) fora a extensa correspondência que salvou os acontecimentos da dissolução temporal.

A escrita epistolar sai do íntimo e trivial e assim integra o sistema de resistência feminina criado na obra. Pois, quando Clara usa a escrita para registrar os acontecimentos cotidianos e Blanca a utiliza para manter os vínculos com a mãe — mesmo presa a um casamento por conveniência — ambas conferem protagonismo ao olhar feminino. Essa prática transforma a escrita das

personagens no que Ecléa Bosi conceitua como uma crônica “tecida de pequenos sucessos, de episódios breves da família” (Bosi, 2003, p. 13).

Ao tomarem a palavra através dos cadernos e das cartas, elas sobrepõem a sensibilidade afetiva aos registros oficiais, dessa forma, os registros passam a ser conduzidos pelas memórias dessas mulheres que resistem. Esse processo alinha-se à perspectiva teórica de Halbwachs (2006), embora a recordação seja íntima e pessoal, ela inevitavelmente está vinculada aos grupos sociais aos quais o sujeito pertence. Toda a memória individual se constitui como um ponto de vista situado dentro de uma memória coletiva maior, sendo moldada pelas relações sociais, políticas e culturais do tempo histórico em que o indivíduo vive.

Essa dinâmica inicia-se com Clara antes mesmo do seu casamento, os cadernos iniciados em sua infância são o reflexo da sua subjetividade feminina em formação, um elemento constitutivo de sua identidade. Ainda que posteriormente a personagem encontra-se em um ambiente matrimonial violento, a continuação de seus escritos revela a preservação da sua identidade, ao passá-los a sua filha, Blanca ocupa a posição de intermediária no processo de continuidade dessa memória. “Ao procurar os cadernos foram aparecendo as joias em caixas de sapatos [...] Colocou-as numa velha meia de lã, fechou-a com um alfinete de ama e entregou-as a Blanca” (Allende, 2019, p. 300). Esse gesto aparentemente trivial, materializa o que Bosi (2003, p. 19) define como “objetos biográficos”, isto é, coisas insubstituíveis que carregam uma “aventura afetiva” e conferem uma “pacífica sensação de continuidade”.

Partindo dessa premissa, ao transferir os cadernos e as joias guardados no espaço doméstico, Clara não transmite apenas bens materiais, mas estabelece um elo familiar indissociável com o passado. Essa ação vincula-se ao pensamento de Halbwachs (2006), no qual a memória individual não subsiste por si mesma: ela depende de quadros sociais, pessoas, grupos, objetos e práticas, que lhe conferem continuidade e sentido. As joias guardadas numa meia de lã não são apenas bens materiais; são suportes concretos pelos quais a experiência feminina da família Trueba se ancora no tempo e atravessa



gerações. Clara não transmite somente objetos a Blanca — transmite um lugar de memória que resiste ao apagamento imposto tanto pela violência doméstica quanto pela história oficial, que sistematicamente silenciou as mulheres como sujeitos de lembrança.

Outrossim, a escrita assume plenamente seu caráter histórico e político com a personagem Alba. Após o golpe militar no Chile, retratado na narrativa, instala-se um regime de perseguição aos chamados “traidores da pátria”, e Alba, movida por convicção política, passa a atuar clandestinamente como protetora de fugitivos. Enquanto as gerações anteriores vinculavam a experiência feminina ao espaço familiar e simbólico, a trajetória da personagem marca um limiar de transição, deslocando a experiência feminina para o plano concreto da ação política. Com isso, a violência patriarcal também se expande do âmbito privado para o aparato estatal.

É nesse contexto de violência extrema, no cárcere da ditadura, que a figura espiritual de Clara aparece para Alba. Longe de constituir um mero recurso estilístico ou uma evasão fantasiosa, essa manifestação do real maravilhoso atua como um elemento fundamental para a sobrevivência da personagem encarcerada. A matriarca surge diante de Alba para afirmar que “[...] a graça não era morrer, porque isso chegaria de qualquer modo, mas sim sobreviver, o que era um milagre” (Allende, 2019, p. 422). Desse modo, essa intervenção sobrenatural, oriunda do real maravilhoso, propicia o rompimento da paralisia causada pelo trauma e desencadeia o processo de recuperação e preservação da memória coletiva. Ao ordenar que Alba escreva, o espírito de Clara não apenas salva a vida da neta, mas também viabiliza o registro do testemunho que impedirá o apagamento da história familiar.

A aparição configura-se, portanto, como a materialização da voz da memória genealógica feminina, que se recusa a ser silenciada e convoca Alba a transformar o sofrimento em testemunho. Desse modo, como conceitua Santos (2014, p. 110) “[...]empreender o enfrentamento do mundo permitiu à mulher constituir-se sujeito da própria história e tornar-se responsável pelas implicações que advêm dessa inserção”. Isso será demonstrado por Allende, quando Alba

converte-se na figura feminina que decide enfrentar as estruturas que a limitam — sociais, políticas e culturais — ela abandona a posição passiva na narrativa a partir do momento que assume o protagonismo da própria história. Ela não somente vive os acontecimentos da narrativa, mas atua sobre eles, assumindo as consequências:

Viu outros que abriam com um pontapé a porta do quarto de Alba e entravam com as metralhadoras na mão, viu a neta completamente vestida, pálida, mas serena, esperando-os de pé, viu-os dando-lhe empurrões e levando-a com armas apontadas, até ao salão onde lhe ordenaram que ficasse junto do velho sem fazer o menor movimento (Allende, 2019, p. 387).

Depois que Alba é levada para os campos de concentração, devido a sua atuação protegendo os fugitivos do governo militar, a autora retrata a violência opressora vivenciada por mulheres e crianças. A personagem é colocada em um contexto de violência física e psicológica, nesse momento ela tem um encontro com o espírito da avó, o que a impede de sucumbir à morte. Após passar por torturas, Alba encontra no momento de cárcere um refúgio na escrita:

Clara trouxe a ideia salvadora de escrever com o pensamento, sem lápis nem papel, para lhe manter o espírito ocupado, para se evadir do canil e viver. Sugeriu-lhe, também, que escrevesse o testemunho que um dia poderia servir para trazer à luz o terrível segredo que estava a viver, para que o mundo conhecesse o horror que se vivia paralelamente à existência agradável e ordenada daqueles que não queriam saber, dos que podiam ter a ilusão de uma vida normal, dos que podiam negar que flutuavam numa jangada num mar de lamentos, ignorando, apesar de todas as evidências, que a poucos quarteirões do seu mundo feliz estavam os outros, os que sobrevivem ou morrem no lado escuro. «Tens muito que fazer, por isso deixa de te lamentar, bebe água e começa a escrever», disse Clara à neta antes de desaparecer como tinha chegado (Allende, 2019, p. 422).

O cárcere de Alba representa a forma mais extrema de silenciamento imposta às mulheres da família Trueba — não mais o silêncio simbólico do espaço doméstico, mas o silêncio físico e institucional produzido pelo Estado autoritário chileno. Privada de alimento, água e dignidade, submetida a agressões físicas e psicológicas, a personagem é reduzida a uma condição



limitrofe entre a vida e a morte. É precisamente nesse ponto de aniquilamento que a orientação de Clara adquire seu sentido mais radical: escrever sem lápis nem papel, com o pensamento, é a única forma de agência que o cárcere não consegue confiscar.

A princípio, perdia o fio com facilidade e esquecia na mesma medida em que recordava novos factos. A menor distração ou um pouco mais de medo ou de dor, emaranhavam-lhe a história como um novelo. Mas logo inventou um código para recordar com ordem, e então pôde entrar no seu próprio relato tão profundamente que deixou de comer, de se coçar, de se cheirar, de se queixar, e chegou a vencer, uma por uma, as suas inúmeras dores (Allende, 2019, p. 422).

Alba não sucumbe à morte e constitui-se, nesse momento, como uma protagonista de subversão feminina, incentivada por outras mulheres a escrever e criar seus próprios cadernos como a avó. Como aponta Halbwachs (2006) o seu gesto insere a memória individual na esfera da memória coletiva, convertendo a experiência traumática em documento de resistência. A escrita mental torna-se estratégia de sobrevivência psíquica e, simultaneamente, a promessa de justiça futura.

Meti o caderno nas calças e abracei-as a todas, uma por uma. A última coisa que ouvi ao sair foi o coro das minhas companheiras cantando para me dar ânimo, tal como faziam com todas as prisioneiras que chegavam ou deixavam o acampamento. Eu ia a chorar. Tinha sido feliz ali (Allende, 2019, p. 435).

Ao deixar o campo de detenção, Alba leva consigo não apenas a memória da violência, os traumas causados pela tortura, mas também a responsabilidade de transformar essa experiência em narrativa. A personagem assume, então, a incumbência na continuação da tradição feminina de registro iniciada por Clara e reafirmada por Blanca. Conforme apontam Alós e Oliveira (2021), a literatura de autoria feminina adquire força ao expor as relações de gênero que sustentam o patriarcado, permitindo que vozes antes invisibilizadas emergem nas formações discursivas da cultura. Na obra, essa dinamicidade projeta-se na construção de uma linhagem de mulheres que utilizam a escrita como

instrumento de memória, afirmação subjetiva em meio a um contexto familiar e um governo opressor.

Por isso, a minha avó Clara escrevia nos seus cadernos para ver as coisas na sua dimensão real e para enganar a má memória. E agora procuro o meu ódio e não consigo encontrá-lo. Sinto que se apaga na medida em que explico a mim própria a presença do coronel Garcia e de outros como ele, que compreendo o meu avô e tomo conhecimento das coisas através dos cadernos de Clara, das cartas da minha mãe, dos livros da administração de Las Três Marias e de tantos outros documentos que estão agora sobre a mesa, ao alcance da mão (Allende, 2019, p. 440).

Neste processo, a personagem Alba ressalta e reconhece o legado construído pelas gerações das mulheres de sua família, sobretudo ao afirmar que sua avó escrevia para compreender a realidade e conservar as memórias do apagamento. Ao reunir os cadernos de Clara, as cartas de Blanca e outros documentos da família, Alba reconstitui a história de A Casa dos Espíritos, uma vez que a obra termina com “Começa assim «Barrabás chegou à família por via marítima...»” (Allende, 2019, p. 440) da mesma forma que se inicia o primeiro parágrafo da obra, nesse sentido, a história das três mulheres da família Trueba desfazem os limites do espaço doméstico e se inscrevem como testemunhas de um período marcado pela violência política e patriarcal.

Portanto, a romancista Isabel Allende apresenta três mulheres que assumem o protagonismo de suas próprias vidas e mantêm uma relação íntima com a escrita — prática historicamente associada ao universo masculino. Esse processo inicia-se com Clara, é intermediado por Blanca e se consolida com Alba, momento em que rompe o ciclo de silenciamento imposto por uma sociedade estruturada sob a dominação masculina. O sistema representado no romance de Allende, apresenta um ciclo contínuo de violência que se perpetua entre as gerações, contudo, quando a personagem Alba transforma a escrita em um instrumento de ruptura, ocorre um processo de oposição à hegemonia masculina.

Considerações finais



A construção das personagens Clara, Blanca e Alba revelam como a o romance de Isabel Allende articula literatura, memória e experiência feminina para expor e tensionar as relações de poder que estruturam as hierarquias de gênero. A Casa dos Espíritos, bem como essa construção contribuiu para problematizar práticas de dominação, coerção e submissão nas relações de gênero. A história se consolida como instrumento de denúncia e reflexão crítica acerca dessas relações, ressaltando a importância da literatura como espaço de resistência e empoderamento feminino.

Ao longo da narrativa, observa-se que Clara, Blanca e Alba representam diferentes momentos desse processo de afirmação feminina. Cada uma, à sua maneira, rompe com os limites tradicionalmente impostos às mulheres como o direito de escolha matrimonial, educacional e político assumindo posições de autonomia diante das estruturas sociais que buscam restringir sua atuação. Desse modo, a obra apresenta mulheres que, mesmo inseridas em contextos de violência, repressão e desigualdade, constroem caminhos próprios e afirmam suas identidades para além dos papéis socialmente estabelecidos.

As contribuições dos teóricos empregados neste estudo, auxiliaram no entendimento de como se perpetua a violência simbólica nas relações entre homens e mulheres, ocasionando a submissão e desvalorização feminina. Na narrativa as personagens femininas corroboram para a ruptura do estereótipo socialmente construído, de que o gênero feminino deve ser subserviente, uma vez que as figuras femininas quando se contrapõem às imposições androcêntricas possibilitam o processo de desnaturalização da desigualdade entre os grupos. Nesse âmbito, o texto literário de Allende apontou para uma nova percepção sobre o lugar da mulher em sociedade que interrompeu o ciclo de submissão feminina, no qual, agora elas podem ocupar posições de protagonismo na preservação da memória, na produção de literatura, e nas dimensões políticas e religiosas.

A complexidade das personagens femininas comprova que a construção narrativa da romancista articula o cuidado estético e político ao torná-las um elo entre condição de subserviência historicamente atribuída às mulheres e o

movimento de busca por autonomia e reconhecimento. Nesse sentido, o discurso misógino é desmistificado, quando Allende ilustra a inversão de papéis, em que a mulher reorganiza o ponto de vista, mostrando que outras interpretações da realidade são possíveis. Ao longo da narrativa, as personagens femininas revelam-se como figuras marcadas pela autonomia, pela liberdade e pela perseverança, rompendo com as expectativas tradicionalmente impostas a elas.

A análise das trajetórias de Clara, Blanca e Alba confirma que *A Casa dos Espíritos* não se limita a retratar opressão vivenciada pelas mulheres. O enredo subverte essa concepção ao transformar a escrita, a memória e o desejo em instrumentos de resistência contra as estruturas que tentam silenciá-las. Em cada geração, Allende demonstra que a dominação simbólica é desconstruída e, pode estar em um caderno preservado, uma carta que atravessa o exílio, uma escrita mental que o cárcere não consegue confiscar — pela qual a subjetividade feminina resiste e se reconstitui.

É nesse sentido que a literatura se revela não apenas espelho da realidade social, mas espaço privilegiado de elaboração crítica: ao atribuir voz, centralidade e complexidade às personagens femininas, a obra projeta formas de existência que o discurso patriarcal declara impossíveis. A força de *A Casa dos Espíritos* reside, portanto, não na denúncia isolada da violência, mas na construção de uma genealogia feminina de resistência — que começa nos cadernos de Clara, atravessa as cartas de Blanca e se consolida no testemunho de Alba — como herança que cada geração entrega à seguinte, e que a literatura tem o poder único de tornar imortal.



REFERÊNCIAS

- ALÓS, Anselmo Peres; OLIVEIRA, Dileane Fagundes de. O corpo da crítica: alguns apontamentos sobre feminismo(s) e literatura. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 26, pp. 1-21, 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-7917. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7917.2021.e73433>. Acesso: 20 fev. 2026.
- ALLENDE, Isabel. **A Casa dos Espíritos**. Tradução de Carlos Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia (organizado por Renato Ortiz)**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ática, 1983.
- BRANCO, Lúcia Castello. **O Que é Escrita Feminina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. v. 17, n. 49, pp. 151-172, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S010340142003000300010>. Acesso em: 19 fev. 2026.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix Ltda, 2019.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

REIS, Wellingson. Valente dos. **Tendências do realismo maravilhoso em Walimai de Isabel Allende**. *Cenas Educacionais*, [S. l.], v. 7, p. e17732, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.13763191. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/cenaseducacionais/article/view/17732>. Acesso em: 9 mar. 2026.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Autoria feminina, memória e subjetividade: relações possíveis**. *Antares: Letras e Humanidades* [vol.6 |nº11| jan-jun, 2014. Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade Programa de Doutorado em Letras. ISSN 1984-1921.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o Trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, pp. 65-82, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>. Acesso em: 12 mar. 2026.

SOIHET, Rachel. **Mulheres e biografia: significados para a história**. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20573>. Acesso em: 9 jul. 2026.